

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**LIZAINÉ DOS SANTOS TARDIZ**

**A MEMÓRIA DE NARRADORES URBANOS E RURAIS NA FICCIONALIZAÇÃO  
DE RAMÃO MACHADO EM RASTILHO**

**Jaguarão  
2018**

**A MEMÓRIA DE NARRADORES URBANOS E RURAIS NA FICCIONALIZAÇÃO  
DE RAMÃO MACHADO EM RASTILHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Português e Espanhol e suas respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Geice Peres Nunes

**Jaguarão  
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

d  
183m dos Santos Tardiz, Lizaine  
A memória de narradores urbanos e rurais na ficcionalização  
de Ramão Machado em Rastilho. / Lizaine dos Santos Tardiz.  
40 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ESPANHOL E  
RESPECTIVAS LITERATURAS, 2018.

"Orientação: Geice Peres Nunes".

1. Literatura Oral. 2. Ficcionalização. 3. Memória. 4.  
Rastilho. I. Título.

LIZAINÉ DOS SANTOS TARDIZ

**A MEMÓRIA DE NARRADORES URBANOS E RURAIS NA  
FICCIONALIZAÇÃO DE RAMÃO MACHADO EM RASTILHO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras - Português e Espanhol e suas  
respectivas literaturas da Universidade  
Federal do Pampa, como requisito parcial  
para obtenção do Título de Licenciada em  
Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12, dezembro de  
2018.

Banca examinadora:



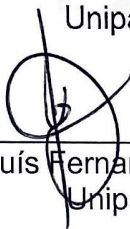
---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Geice Peres Nunes  
Orientadora  
Unipampa



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Leticia de Farias Ferreira  
Unipampa



---

Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo  
Unipampa

Dedico este trabalho a minha mãe e minha  
filha Máisa, companheiras de todas as horas.

## **AGRADECIMENTO**

A minha família, em especial aos meus pais, Marisa e Gilmar, que com muito esforço, carinho e dedicação me auxiliaram a realizar esse sonho.

Aos professores pelos ensinamentos, em especial, a minha orientadora, Geice Peres, pela dedicação e paciência, durante o processo de escrita deste trabalho e por ter me apresentado, em seus projetos, o universo das narrativas orais, da literatura e da língua espanhola de forma tão marcante.

A todos os narradores orais que foram entrevistados, pela colaboração e disposição de me contarem suas histórias.

Aos meus alunos, colegas e amigos, em especial a Fernanda Peres, pelo carinho e pelos momentos de descontração.

A minha colega Ana Paula Brum Faria e Dona Iara, pela colaboração durante a realização de minhas pesquisas sobre Ramão Machado.

Por fim sou grata a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

Se entendermos que literatura é um produto social, e seus autores, são atores sociais, vamos, com certeza, num futuro bem próximo, perder nosso ar de grandeza e de grandiosidade e principiar a encarar as belas letras por ângulos antes nunca observados, e poderemos descobrir que as *gentes remotas* também produzem textos. Mesmo que estes não estejam nos cânones estão preenchendo vazios existências de muita gente... (Frederico Fernandes).

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar, nas narrativas orais coletadas, sobre Ramão Machado os elementos ficcionais presentes nas memórias de seus narradores, utilizados para transformá-lo em Rastilho, conferindo-lhe identidades distintas, que variam desde a de bandido até a de milagreiro. Valendo-nos da Oralidade como fonte expressiva da memória dos narradores locais, bem como da literatura oral fronteiriça que nos dedicamos a estudar, este trabalho possui como objeto de pesquisa os relatos de três contadores e dois escritores. Na construção dessas versões, identificamos o uso de linguagem poética, de intertextos, de verossimilhança, e, principalmente, de carga ficcional que cada um carrega. Para abordarmos as questões referentes à literatura oral, baseamo-nos nas teorias de Paul Zumthor e nos estudos de Frederico Fernandes e Edil Costa. Para tratarmos do papel da memória coletiva e da individual presente nos relatos nos apoiamos nas teorias de Maurice Halbwachs e para problematizarmos as questões referentes aos narradores nos pautamos nas pesquisas de Walter Benjamin. Pontuamos em nossas análises, a partir de trechos selecionados em cada narrativa, a carga de estereótipos e as apreciações negativas que transparecem nos relatos e visam conferir traços de bandido ao personagem, bem como, mostramos as outras perspectivas que objetivam justificar as atitudes desse sujeito devido a sua condição social, traçando uma trajetória de privações, sofrimento que foram responsáveis pela transcendência pós-morte, que o tornou milagreiro na Oralidade.

Palavras-Chave: Literatura oral, Ficcionalização, Memória, Rastilho.



## RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo analizar, en las narrativas orales recogidas, sobre Ramão Machado los elementos ficticios presentes en las memorias de sus narradores, utilizados para transformarlo en Rastilho, confiriéndole identidades distintas, que varían desde la de bandido hasta la de milagro. Valiéndonos de la Oralidad como fuente expresiva de la memoria de los narradores locales, así como de la literatura oral fronteriza que nos dedicamos a estudiar, este trabajo tiene como objeto de investigación los relatos de tres contadores y dos escritores. En la construcción de estos narradores, identificamos el uso de lenguaje poético, de intertextos, de verosimilitud, y, principalmente, de carga ficcional que cada uno carga. Para abordar las cuestiones referentes a la literatura oral, nos basamos en las teorías de Paul Zumthor y en los estudios de Frederico Fernandes y Edil Costa. Para tratar el papel de la memoria colectiva y de la individual presente en los relatos, nos apoyamos en las teorías de Maurice Halbwachs y para problematizar las cuestiones referentes a los narradores nos basamos en las investigaciones de Walter Benjamin. Puntuamos en nuestro análisis, a partir de trechos seleccionados en cada narrativa la carga de estereotipos y apreciaciones negativas que trasparecen en los relatos y objetivan conferir rasgos de bandido al personaje, bien como, mostramos las otras perspectivas que buscan justificar las actitudes de ese sujeto debido a su condición social, trazando una trayectoria de privaciones, sufrimiento que fueron responsables por la transcendencia post muerte, que lo transformó en milagrero en la Oralidad.

Palabras-clave: Literatura Oral. Ficcionalización. Memória.Rastilho.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia da lápide.....	19
Figura 2 – Fotografia do túmulo de Ramão Machado.....	28

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 -A LITERATURA DA VOZ.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 2 – “É SÓ UMA HISTÓRIA QUE EU VÔ TE CONTÁ...”.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Uma voz urbana a narrar o Rastilho.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2 Os narradores rurais: crenças e afetos.....</b>	<b>24</b>
<b>2.3 “É fatal a promessa pro home, sabia?...”.....</b>	<b>29</b>
<b>2.4 Rastilho na literatura escrita.....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

Quando observamos a fronteira Brasil-Uruguai, mais precisamente a cidade de Jaguarão, percebemos a pluralidade de narrativas orais que circulam nesse espaço. Os meus sentidos passaram a perceber melhor esse espaço quando ingressei no projeto Oralidade e Fronteira, em maio de 2016. Como bolsista PDA, algumas das minhas atividades eram transcrever e organizar em um repositório o material que já havia sido coletado no ano anterior. Assim, no exercício de escutar as histórias, pude me dar conta de que a oralidade sempre esteve presente na minha vida, de forma muito viva. Minha mãe contava histórias de sua infância na campanha, e principalmente da influência positiva de sua avó, que era benzedeira e conhecedora de ervas medicinais, que passava seus ensinamentos de forma oral para suas netas, ainda crianças, para que, depois de seu falecimento, alguém pudesse dar seguimento ao seu trabalho. E assim minha mãe o fez. Os ritos, orações e benzeduras circularam via oralidade até a geração de minha mãe, que optou por escrevê-los em uma espécie de diário.

O projeto previa uma série de atividades, dentre elas, as visitas de campo, nas quais realizaríamos as coletas. Meu objetivo inicial era buscar outras senhoras benzedeiros para registrar seus saberes e procedimentos, mas, durante uma tarde de transcrições, tive a oportunidade de ouvir e conhecer a história de Ramão Machado, e nesse momento senti necessidade de ir atrás de outras versões da narrativa desse sujeito e de alguma maneira dar voz a ele. Os informantes foram surgindo aos poucos, e sempre trazendo novas informações que aguçaram minha vontade de continuar a pesquisar.

As narrativas orais utilizadas nesse trabalho foram coletadas via gravador, os narradores já sabiam previamente que iríamos visitá-los com o intuito de ouvir histórias sobre Ramão Machado (a quem denominavam de Rastilho), benzeduras, lobisomem, assombração, etc. Cada um estava livre para conduzir o seu contar, na maioria das vezes, iniciava seu relato abordando outras temáticas, principalmente, experiências e histórias de vida, mas, em seguida, trocavam de narrativa, afirmando que a contada a seguir, sim, seria mais interessante.

Talvez essa troca de tema se desse devido à expectativa que esses narradores criavam a respeito do nosso interesse, enquanto grupo de pesquisa de uma Universidade, em coletar histórias na comunidade e utilizar nosso tempo indo atrás de novas fontes. Ficavam buscando em sua memória elementos que de alguma maneira pudessem nos causar alguma reação, isso era possível depreender pelas expressões faciais e gestos de cada narrador, que parecia tentar captar pelos nossos olhos algum indício do que queríamos ouvir. Explicávamos que nosso

intuito era reunir as histórias, pois elas também são consideradas um patrimônio de nossa fronteira, visto que, percebemos que eram capazes de traduzir o cotidiano, as práticas socioculturais, bem como, revelar o imaginário dos sujeitos da fronteira.

Durante minhas atividades como bolsista PDA, apresentei alguns trabalhos baseados nas narrativas sobre Ramão Machado. O primeiro deles, foi apresentado em setembro de 2016, com a mesa redonda “A fronteira como cenário de cantos e contos” na V Jornadas Treintaitresinas: Voces de un lugar al este; o segundo, em outubro de 2016, na Oficina de Patrimônio Cultural, promovida pela SIC (Sociedade Independente Cultural), na qual o grupo teve a oportunidade de apresentar a narrativa de Rastilho ressaltando os seus aspectos literários; o terceiro, no mês de novembro, apresentei o pôster “As identidades de Rastilho construídas pela memória popular”, no 8º SIEPE. Em abril de 2017, participei do IV Seminário de Poéticas Oraís, na Universidade Estadual da Bahia - Alagoinhas, com a pesquisa “Narradores Oraís e suas memórias: uma análise do imaginário fronteiriço”.

Devido a trajetória das pesquisas e a intensidade com que as narrativas oraís estiveram presentes na minha vida, resignificando meu olhar sobre o Curso de Letras, sobre a Literatura e principalmente sobre as relações humanas, produziram a necessidade que carrego de estar em contato e ouvindo esses narradores, pessoas simples, cheias de saberes populares, adquiridos com as experiências do dia-a-dia. que na maioria das vezes não são validados pela cultura letrada. Então, escolhi o tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso com o intuito de dar voz a Ramão Machado, sujeito marginalizado dentro e fora do texto oral e escrito; e seus contadores, sujeitos que produzem “textos das margens” e, neles, resolvem com o seu imaginário as questões sociais e os jogos de poder, como aponta Edil Costa (2015, p. 33).

Feita essa breve apresentação, damos início a uma pesquisa organizada em dois capítulos. No primeiro, tratamos das questões teóricas que nos apoiam na reflexão das narrativas oraís e apresentamos Ramão Machado nos valendo de versões de seus feitos e de sua história de vida. No segundo capítulo, analisamos os perfis construídos pelos narradores urbanos e rurais, que criam ficções sobre o homem e sobre a vida de Ramão Machado. Em cada relato oral, convertem Rastilho em bandido ou em santo, papéis que se alternam ou se combinam nas representações oraís ou escritas de vozes anônimas e de artistas jaguarenses. Essas análises estarão amparadas nos escritos de: Frederico Fernandes (2002, 2003), Edil Costa (2015), Antonio Candido (2007), Walter Benjamin (2010), Maurice Halbwachs(2003) e Paul Zumthor (1993), entre outros.

## Capítulo 1 -A Literatura da voz.

Neste capítulo, apresentamos os conceitos que constituem a base deste trabalho de conclusão de curso, e que são retomadas ao longo desta pesquisa sobre as memórias dos narradores orais rurais e urbanos, na ficcionalização de Ramão Machado em *Rastilho* ou “Nêgo Rastilho”, como ficou popularmente conhecido. Na construção desse estudo, nos amparamos nos conceitos de memória individual e coletiva, de literatura oral, de ficção literária.

Compreendemos por literatura oral, o conceito apresentado por Frederico Fernandes a partir da leitura de Paul Sébillot, que abrange “toda produção literária de pessoas que não leem, mas que se vinculam à Literatura” (2003, p. xi). Cabe ressaltar que para que essas produções sejam reconhecidas como textos provenientes de literatura oral eles necessitam apresentar algumas características, tais como: poeticidade, sua capacidade de ser consumido/fruído por suas características ou efeitos estéticos (FERNANDES, 2003, p.14). Sendo assim, nem todo material coletado que circula no espaço da fronteira, pode ser considerado literatura oral, durante o processo das transcrições que fomos observando essas construções a fim de selecionar as mais representativas, em algumas percebemos que os contadores utilizam a linguagem referencial, passando informações de forma mais breve. Portanto, neste trabalho, utilizamos aquelas dotadas de linguagem poética que, segundo os pesquisadores Fernandes e Santos, é a forma de linguagem:

[...] marcada por preocupações estéticas, que podem não ser a finalidade, mas um meio utilizado pelo narrador para comunicar. É uma construção de uma poesia, como quer Jakobson (2007, p.127-8), para além da poesia, não necessariamente atada à literatura. (2011, p. 25).

Conscientes disso, na fala dos contadores de narrativas orais, notamos uma série de recursos que fazem parte da literatura escrita que estão presentes nas versões que apresentam de forma muito intuitiva, pois são utilizados no momento do improvisado, em situações únicas, uma vez que, cada narrador possui um estilo próprio, alguns dão ênfase para a melodia das palavras, outros utilizam com mais frequência as figuras de linguagem e a comicidade, e principalmente se valem de elementos ficcionais.

A análise das narrativas orais leva-nos a perceber a variedade de elementos utilizados para ficcionalizar situações. Assim, vemos que a construção de Ramão Machado em *Rastilho* se dá por uma mescla realidade e ficção. Nesse sentido, a ficção por ser entendida como:

um modo de discurso sem referência no sentido, em que, por um lado, os objectos que nomeia são empiricamente inexistentes e, por outro não se submete ao valor de verdade, não podendo, por isso, ser considerado falso ou mentiroso.<sup>1</sup>

No nosso entendimento, como um dos objetivos dos narradores orais é que suas histórias sejam recontadas como uma forma de entretenimento, se valem da criatividade, mas carregam suas ficções de intertextos, misturando o que ouviram contar de outras histórias com as situações que experienciaram ou observaram para criar uma nova trama. Assim, mesmo observando certas contradições nesses discursos, não nos cabe buscar as verdades ou mentiras, mas mostrar os efeitos estéticos e literários que essas narrativas apresentam enquanto ficções.

Observamos que as memórias e experiências individuais e coletivas dos narradores de Ramão Machado, contadores que, de alguma forma, estiveram envolvidos ou foram tocados pela narrativa popular sobre o “Nego Rastilho” estão retratadas nas versões que estudamos. Segundo Fernandes, o narrador é aquele que “transmite uma experiência de vida, direta ou indiretamente, ou seja, fala das histórias que vivenciou e das que ouviu falar; estas últimas as vive por tabela” (2002, p.32). Talvez por essa razão, cada uma das versões é capaz de revelar o sujeito que a narra, as lembranças que estão guardadas em sua memória individual, traços de seu caráter e, por isso, também expressa a identidade desse narrador.

Nas histórias, a memória aparece enquanto “um sistema independente, por serem lembranças de um mesmo grupo ligadas umas às outras, de alguma forma apoiadas umas sobre as outras” (HALBWACHS, 2003,p.38). Por isso, quando aplicamos essa definição em nosso estudo, compreendemos que os narradores utilizados não se conhecem, porém fazem parte de um grupo de pessoas que contribuem para a manutenção e a disseminação da narrativa oral de Ramão Machado. Para isso, se valem de histórias que lhes foram transmitidas oralmente e de suas memórias que em alguns pontos dialogam pois, cada “memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2003, p. 69). Sendo assim, a versão de cada indivíduo será sempre iniciada por aquilo que foi experienciado ou vivido pelo grande grupo de narradores. Em segundo plano, estão as lembranças e seus detalhes que enriquecem

---

<sup>1</sup> E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia ( Actas do V Encontro de APEAA, 4,5 e 6 de Maio de 1984, Universidade do Minho. P.18)

a narrativa, essas carregam maior influência do espaço sociocultural que cada indivíduo ocupa, como apontamos ao longo de nossa análise.

Nesses narrares sobre Ramão Machado notamos a recorrência de alguns fatos, como as marcas pessoais deixadas por cada narrador. O filósofo Walter Benjamin afirma que “narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar” (BENJAMIN, 2010, p.205). Esse é o processo que identificamos nas histórias coletadas, além disso, observamos o uso recorrente de algumas expressões como: “diz que...”; “me contaram”, entre outras que destacamos. Outros traços que aparecem na apresentação da história são o local, o protagonista, o tempo, dando mostras da sua estreita vinculação com elementos estruturais do discurso literário.

Os narradores mantêm traços que nos levam a inferir que são informações vistas por eles como essenciais para a compreensão do que será narrado. Ademais, percebemos o uso de mecanismos para prender a atenção de seus ouvintes e manter a narrativa viva, alguns deles ganham forma na estratégia de repetição, na ausência de traços psicológicos do personagem e na retomada dos fatos narrados anteriormente, com o intuito de conferir veracidade ao que está sendo exposto.

Os narradores inserem fatos de forma a justificar sua versão da história. A partir dos relatos dos contadores utilizados para esse estudo, depreendemos que o objetivo da primeira é informar seus ouvintes sobre a narrativa, pois a referida história de alguma forma lhe causa curiosidade; o segundo contador se vale da ludicidade e de recursos literários que trazem comicidade para o seu narrar, seu objetivo é divertir e dialogar com quem lhe ouve; a terceira contadora comunica e, ao mesmo tempo, se vale da performance<sup>2</sup>, das repetições de alguns verbos e palavras que são chave para dar seus conselhos e disseminar sua fé em Rastilho. Valendo-se desses artifícios e do caráter mutável das narrativas que circulam por meio da oralidade, os narradores envolvem os ouvintes nos acontecimentos e estes acabam incorporando os relatos às suas experiências e possivelmente sentirão necessidade de contá-los a outras pessoas. Essa parece ser a dinâmica presente nas narrativas orais ou provenientes da oralidade que aqui estudamos.

O envolvimento do narrador com a narrativa faz com que ele tome a liberdade de criar e recriar fatos sobre ela. No estudo das narrativas orais, não nos preocupamos em comprovar a

---

<sup>2</sup> Performance, segundo Fernandes:

É um momento de fascínio, articulada pela mistura de códigos e diversidade linguística, envolvendo não somente pela fábula, mas também pela maneira como é transmitida. O olhar, o silêncio, o franzir da testa, as mãos, o riso, objetos próximos, sons guturais, a fala. Cabeça, tronco e membros. O corpo é um turbilhão de mensagens, que ressoa códigos impraticáveis na escrita. (2002, p.28)



veracidade dos fatos, mas em investigar quais os meios que cada narrador utiliza, mesmo que involuntariamente, para narrar a sua versão e que dão concretude a uma ficcionalização, visto que, cada sujeito narra a partir de sua subjetividade. Em outras palavras, cada um percebe os mesmos dados de maneira diferente e a construção de cada versão da narrativa de Ramão Machado se dá de forma seletiva e marca a trajetória de acordo com as concepções sobre os fatos relatados pelos narradores que lhe precederam, como o caso da Contadora 1, que indica as fontes pelas quais teve conhecimento da narrativa e nos relata o seu ponto de vista e os fatos que lhe causam mais estranhamento. Nas diferentes versões, os narradores estilizam o texto, fazem uso de elipses, metáforas, hipérboles e, às vezes, semelhantes aos contos de fada atribuem simbolismos e magia a objetos e elementos da natureza, recursos bastante presentes na escrita literária de matriz oral.

Por isso, na arte de contar desse grupo de narradores que nos apresentam Rastilho, cada um enriquece a história a partir de suas experiências pessoais e coletivas. Esses aspectos são melhor compreendidos quando observamos a constituição das narrativas que circulam pela oralidade explicadas por Fernandes:

[...] cada contador, imprime na história suas marcas: vivências pessoais, lembranças próprias. O relato oral é um misto de lembranças e atualizações, nele se reproduz um fato que é coletivo e também crivado de impressões pessoais (2002, p.25).

Nesse misto de lembranças verbalizadas pelos narradores, parece haver uma “forma artesanal” de comunicação dotada de traços literários, assim como definiu Benjamin (2010, p.205) e Fernandes (2002, p.15). Na oralidade, recursos utilizados inconscientemente, assim como a repetição, são fundamentais para dar ênfase a um fato ou reforçar um conselho, além disso percebemos a adaptação durante a pronúncia de algumas palavras, uso de figuras de linguagem, alterações no som da voz que por vezes terminam em um profundo silêncio, o que torna impossível a compreensão das palavras finais. Fernandes explica que por se tratar de um trabalho:

[...] sobre uma manifestação literária diferente da encontrada entre linhas, viesada para situações vividas, diretamente ou não, sobretudo para seus inúmeros aspectos orais, ele exige de nós a disciplina e a sensibilidade no saber *ouvir* (2002, p.14).

Portanto, como pesquisadores, a disciplina e a sensibilidade para analisar o oral também é fundamental. Diferente dos aspectos formais apresentados na literatura escrita, a literatura oral apresenta seu valor estético e literário na seleção das palavras, no diálogo entre

memória e esquecimento, no enlace entre passado, presente e futuro, feitos pelos narradores para transformarem saberes e situações do cotidiano em arte e história representativas de uma localidade. Cabe ressaltar que a concepção do valor artístico dessas narrativas está em nós que as estudamos, para seus contadores, reprodutores das diversas versões, esse ato de contar narrativas e recriar situações vividas ou não, serve como uma maneira de interagir com outras pessoas, fortalecer seus elos sociais e, principalmente, aproveitar a oportunidade de serem ouvidos.

Dentro dos textos que circulam na oralidade sobre Ramão Machado identificamos algo que Paul Zumthor destaca no capítulo Memória e Comunidade, de *A letra e a voz* (1993):

para além do espaço tempo de cada texto, desenvolve-se outro, que o engloba, e no bojo do qual ele gravita com outros textos e outros espaços tempos; movimento perpétuo feito de colisões, de interferências, de transformações, de trocas e rupturas. (ZUMTHOR, 1993, p. 150).

A partir da afirmação de Zumthor, percebemos que quando parte da memória de uma comunidade essas narrativas recebem muita fluidez, permitindo intertextos e concedendo ao narrador a liberdade para criar em cima de uma trama já consagrada. Talvez, por isso, narrativa de Ramão Machado ainda se conserva viva na memória de seus narradores e devotos. Outro fator importante é o seu caráter utilitário, pois ao terem conhecimento dos milagres de diversas ordens, realizam pedidos, como afirma a Contadora 3 “Os granjeiros de lá, todo mundo faz promessa pra chuve quando hay seca. Não sei quem é que disse uma vez: ai... uma seca bárbara, tá tudo morrendo... ué, pede ao Rastilho pra chovê, eu disse” (Contadora 3). Como percebemos existe um grupo de devotos que recorrem aos dons de Rastilho para solucionar seus problemas. Segundo Benjamin, essa é “A natureza da verdadeira narrativa. Ela sempre tem em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária [visto que] o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (2010, p. 200). Ainda que discretos ou enaltecidos, em cada versão, podemos identificar os conselhos dos narradores que relatam situações e os desfechos bem sucedidos graças à intercessão de Rastilho. Para exemplificar, situam seus ouvintes no espaço e tempo da narrativa e, principalmente, transmitem credibilidade naquilo que narram, mesmo que deixem transparecer dúvidas sobre os fatos.

## CAPÍTULO 2 – “É SÓ UMA HISTÓRIA QUE EU VÔ TE CONTÁ...”

### As representações de Rastilho: “Quem gosta dele conta uma versão...”

A história de vida de Ramão Machado é ambientada na Segunda Zona do município, conhecida por Bretanhas. No material coletado, não encontramos nenhum marcador temporal que indique em que década Rastilho circulou nesse espaço, as marcas temporais parecem apagadas nessa história que circula de forma oral. Essa datação da sua cronologia só foi possível quando saímos a campo em busca de elementos referenciais sobre Ramão Machado, como a visita a estância em que está sepultado (Figura 1). Outro modo que nos possibilitou estabelecê-lo em um tempo mais preciso tomou forma na voz de nossos contadores, que revelaram nomes de alguns proprietários de terra pelas quais Rastilho possivelmente passou.



Figura 1: Lápide do túmulo.  
(Acervo do Projeto Oralidade e Fronteira)

Para o recorte de nossa pesquisa nos baseamos no relato oral de três contadores, que não identificamos pelo nome, mas pelas expressões Contadora 1, Contador 2 e Contadora 3. Compõem também esse grupo um poeta e letrista e uma escritora jaguarenses que se valeram da oralidade para escrever suas produções. O grupo de contadores foi constituído à medida que fomos a campo para realizar a coleta de narrativas para o projeto Oralidade e Fronteira. Chegamos aos contadores de Rastilho utilizados nesta pesquisa, a partir de indicações de pessoas que cederam suas histórias sobre benzeduras, lobisomem, locais mal-assombrados, temáticas recorrentes nas coletas.

Na construção desse trabalho, pudemos comprovar que cada relato é único. Isso se tornou mais evidente no contato com cada contador que ouvimos e registramos. Em suas falas, conferiam características positivas e negativas às supostas ações praticadas por Rastilho. Para isso, baseavam-se em formas de descrição que acabavam por identificá-lo como bandido, marginalizado e/ou milagreiro. Nesse sentido, esses são os perfis que analisamos neste capítulo.

Nossa primeira contadora, narradora urbana, alfabetizada, aposentada, segundo seu relato, conheceu a narrativa de Ramão Machado por uma fonte escrita e por outra oral, de “ouvir sua tia”. É a partir dessas marcas no discurso que identificamos sua procedência como proveniente de uma fonte mista<sup>3</sup>, que mescla a literatura tanto oral quanto escrita, com a história de alguns personagens populares da cidade de Jaguarão. A leitura possibilitou a atuação da narradora como autora-leitora, uma tipologia que Leite e Fernandes (2003, p. 55) definem da seguinte forma: “É como se o relato já não pertencesse, e efetivamente já não pertence a quem lhe contou, mas ao leitor-ouvinte, que cria em cima do que ouviu”.

Para fazer uma leitura do relato da contadora, valemo-nos da proposta “Para uma análise morfológica de narrativas”, de autoria de José Guilherme dos Santos Fernandes e Salim Jorge Almeida Santos (2011). Sobre o tipo de narrador, podemos afirmar que se trata de uma narradora heterodiegética<sup>4</sup>, pois ela não se inclui na narrativa como personagem, seu papel é tecer uma versão do fato que teve conhecimento, além disso observamos um certo distanciamento em relação a versões que expressam as inúmeras variantes que circulam sobre a narrativa de Ramão Machado. Acreditamos, então, que a narradora estabelece uma relação disfórica<sup>5</sup> com o narrado, visto que não possui uma ligação afetiva com a narrativa, pois seu relato deixa perceber uma expressiva quantidade de apreciações negativas sobre a conduta de Rastilho, que deixam transparecer uma indiferença com o sujeito que expõe. Na sequência dos fatos narrados, conseguimos fazer essa inferência analisando o vocabulário utilizado pela narradora, que dá ênfase a situações nas quais o sujeito libera sua fúria, aparece em fuga devido aos pequenos furtos que cometia ou consumindo álcool. Esse é o perfil traçado por pela informante.

Nosso segundo contador, narrador rural, alfabetizado, nascido e criado na Segunda Zona, na qual trabalhou como tratorista, até sua aposentadoria, em seu relato menciona os dons de Rastilho um possível milagre realizado por Ramão Machado após sua morte. Para

---

<sup>3</sup> Conceito proposto por Zumthor (1993, p.18)

<sup>4</sup> Terminologia proposta por Santos Fernandes e Almeida Santos para explicitar o tipo de narrador..

<sup>5</sup> Terminologia proposta por Santos Fernandes e Almeida Santos para explicitar a relação narrador e narrado.

isso, conta e recria situações, diferentes das outras narradoras, ele se inclui na trama apresentada tal qual um narrador testemunha ou ainda, homodiegético<sup>6</sup> pois mesmo não sendo protagonista da narrativa contada, ele participa de pelo menos três momentos importantes da história que reproduz oralmente. Sua fala ganha destaque no que se refere à comprovação de que Rastilho tem poderes especiais, e que é capaz de praticar milagres, dados que também foram reconhecidos por outros narradores orais e que positivam o status desse sujeito.

Esse informante estabelece uma relação eufórica<sup>7</sup> com o que narra, pois utiliza-se de um vocabulário descontraído e busca enriquecer com detalhes o que relata, ainda recorre a criação de pequenos suspenses, de alternâncias entre a seriedade e o humor, vale-se, talvez inconscientemente, de figuras de linguagem, que por vezes conferem comicidade à narrativa; além disso, a modalização da voz que destaca ou cria expectativas sobre o desenrolar da trama. A história carregada desses elementos proporciona plasticidade ao relato e permitem ao ouvinte, além de ser envolvido pela trama, visualizar o que está sendo contado.

Coletamos a narrativa na casa do informante, situada na zona rural. O senhor optou por nos contar a história na rua onde teve espaço para gesticular, exemplificar as distâncias e indicar os espaços nos quais percebeu a atuação de Rastilho, por meio da pantomima, tal qual analisou Fernandes no gestual de narradores pantaneiros (2002, p. 29), “transmite a dimensão do lugar; possui em sua memória as imagens do que deseja narrar e para tornar sua fala mais real gestualiza com o objetivo de concretizá-las para o seu ouvinte”.

A terceira informante, trata-se de uma senhora de 60 anos, narradora rural, semi-alfabetizada, nascida e criada na Segunda Zona. Seu pai fora trabalhador das terras nas quais Rastilho realizou o “milagre de fazer chover”. Por estabelecer uma relação eufórica<sup>8</sup> com o que narra, sua fala é bastante intrigante e muito expressiva, pois ela seleciona elementos que comprovam o bom caráter desse sujeito, visando defender a integridade moral e manter a crença e o respeito pelo dom que ela acredita que ele possui.

Observamos em sua versão a visão peculiar dos sujeitos do campo, no que se refere às crenças e a sua forte ligação com a narrativa de Rastilho, que, por vezes, ganha traços de ser divino. Quanto ao tipo de narrador podemos dizer que a narradora é por vezes heterodiegética<sup>9</sup>, mas também homodiegética<sup>10</sup>, pois possui um conhecimento amplo que a

---

<sup>6</sup> Terminologia utilizada por Santos Fernandes e Almeida Santos para classificação quanto ao tipo de narrador.

<sup>7</sup> Terminologia utilizada por Santos Fernandes e Almeida Santos para classificação quanto ao tipo de relação estabelecida entre narrador e narrativa.

<sup>8</sup> Terminologia utilizada por Santos Fernandes e Almeida Santos para classificação quanto ao tipo de relação estabelecida entre narrador e narrativa.

<sup>9</sup> Terminologia utilizada por Santos Fernandes e Almeida Santos para classificação quanto ao tipo de narrador.

<sup>10</sup> Terminologia utilizada por Santos Fernandes e Almeida Santos para classificação quanto ao tipo de narrador.

capacita para enumerar um conjunto de situações de sofrimentos enfrentados por esse sujeito à margem que em sua visão tornou-se sublime, e em um segundo momento da narrativa mostra sua participação para a manutenção da crença.

A coleta foi realizada na casa da contadora, em uma roda de chimarrão e numa situação bastante informal. No contar de sua versão, ela revelou várias informações a partir da fala, mas também de forma performática, gesticulando com as mãos, expressando sua indignação com o franzir da testa e alterando os tons de voz, principalmente, quando Rastilho é apontado como bandido. A narradora com esses artifícios e se valendo da performance, mostra o quanto respeita e acredita nesse sujeito e o quanto lhe incomodam as demais versões orais da história que denigrem a imagem de Rastilho.

Nas seções que seguem, apresentamos a perspectiva de cada um dos contadores aprofundando a leitura a partir da nossa base teórica, apresentada no capítulo 1, aplicada ao discurso desses narradores.

## **2.1 Uma voz urbana a narrar o Rastilho**

Na primeira versão analisada, Ramão Machado é descrito com um descendente de escravos que vivia como agregado em uma fazenda, recebe características de um homem que agia de má fé, e que por desavenças acabou se tornando um fugitivo da polícia, como vemos no fragmento:

... ele seria filho de escravos, aqueles que ficam agregados nas fazendas... e aí ele teve esse momento de fúria e começou a fugir, né? da polícia, né? é assim o que eu mais lembro de falarem... assim, que ele era um fugitivo... vivia no mato... (Contadora 1)

Para enfatizar essas características acerca de Rastilho, a informante retoma diversas vezes que ele era “meio do mato”, “fugitivo”. Essas expressões definem o olhar da narradora sobre as versões que ouviu da narrativa, ela não traz outras características de Rastilho, suas retomadas e inserções de novos fatos objetivam informar e enfatizar que ele era um sujeito perigoso:

... ele era um perseguido da polícia por pequenos furtos, assim... acho que de comida... assim, ele era meio do mato... ah, eu entendo assim,... que ele era meio do mato e cometia pequenos furtos... cometia pequenos furtos para se

---

alimentá e para bebê, acho que ele bebia bastante porque todo mundo dá, hoje... prometem cachaça para ele, porque ele bebia... só pode! (Contadora 1)

No fragmento acima, fica evidente a visão da narradora a respeito de Rastilho, ela, por ser uma moradora da zona urbana, não hesita em afirmar que ele praticava furtos para garantir seus vícios. A informante aponta Rastilho como um descendente de escravos alforriados, que vivia numa fazenda da região, e que, após um momento de rebeldia, praticou um crime e por esse delito começou a ser perseguido. Durante o tempo que estava foragido, praticava furtos para se alimentar e manter seus vícios.

Nela relato, percebemos os estereótipos em relação às pessoas que vivem na zona rural, como sendo pessoas pouco instruídas e com “comportamento de selvagens”. Sobre a característica de “selvagem” conferida a Rastilho, Fernandes explica que “as pessoas com poderes sobrenaturais vivem isoladas e por não desenvolver o espírito de cooperação com os demais, são enquadradas como quase selvagens” (2002, p. 44). Como não percebe Rastilho como um sujeito milagreiro, dotado de poderes, em seu relato, a narradora traz à tona somente aspectos negativos e preconceituosos sobre Ramão Machado. A informante acredita que ele recebera o apelido de Rastilho, devido a seu hábito de praticar pequenos furtos “Rastilho eu entendo por furto... ninguém me disse, mas me leva a crer” (Contadora 1).

Durante seu relato, a Contadora 1 valoriza a atuação da polícia, representada por um “delegado da campanha”, que não mediu esforços em capturar Rastilho e matá-lo, supostamente, em uma emboscada. A narradora não esclarece o nome dos proprietários das terras onde ele foi capturado, morto e enterrado, traz uma série de sobrenomes de latifundiários da época e comenta brevemente sobre o “milagre de fazer chover” durante um período de seca prolongada.

Em suas falas finais, enaltece a atuação de um antigo proprietário das terras nas quais Rastilho foi enterrado em uma cova. Esse senhor havia pedido a Rastilho que fizesse chover em sua propriedade, por ter seu pedido realizado “doou” parte desse espaço para a construção de uma sepultura digna, percebemos isso no relato seguinte:

... esse senhor foi quem doô. Era esse coisa pra fazerem o túmulo pra ele. Não foi ele [o senhor] que mato. Verdade quem matô foi a polícia... Na verdade que eu não sei quem era a polícia, mas eles sempre contam que foi a polícia, que ele era perseguido da polícia por pequenos furtos... ele era meio do mato. Ah, eu entendo assim. (Contadora 1)

Nesse fragmento, fica evidente que apesar de Rastilho ter realizado um milagre, aqueles que ganham destaque e se tornam os heróis da história são, no primeiro momento, as autoridades rurais, que “supostamente” solucionaram os problemas dos furtos na região matando Rastilho e, num segundo momento, o senhor que cedeu um pequeno espaço de sua propriedade para a construção do túmulo de Rastilho. A narradora afirma que tem interesse e curiosidade no que se refere ao pagamento das promessas para Rastilho que são realizadas até os dias atuais:

... essa parte me interessô, porque as pessoas pedem graças a ele... e levam até hoje... levam até hoje... e levam bebida, fumo essas coisas assim, que era o que ele gostava assim seria, eu acho que ele bebia muito... (Contadora 1)

Notamos que a narradora não se preocupa em saber se houveram outros milagres, se realmente os pedidos foram realizados, prefere tecer comentários sobre os vícios e conduta de Rastilho. Na conclusão de sua narrativa, em tom irônico comenta que não gostaria de ver “um bebum” sendo canonizado como santo: “ Até porque imagina um, um, um canonizado bebum, bebum jaguareense, por favor, que nem pensem em canonizar.”

## 2.2 Os narradores rurais: crenças e afetos

Diferente da Contadora 1, o Contador 2 tem uma outra concepção sobre Rastilho. Esse informante percebe-o como um sujeito marginalizado pela sociedade da época, que não possuía outra opção para sobreviver, a não ser furtando alimentos e, para isso, usava seu dom, para auxiliá-lo em sua jornada. Ao perceber essa postura como um dom, notamos que o uso dessa designação positiva a conduta de Rastilho e é nessa construção do discurso que deixa transparecer o efeito de atenuar a culpa e conduzir o suposto bandido para o status de milagreiro.

Porém, para o segundo narrador, essa atitude de roubar alimentos por necessidade, não o tornava uma pessoa ruim, assim como evidência ao iniciar seu relato:

Ah, ele era tipo um andarilho assim... diz que não fazia mal pra ninguém... diz que ele só... diz que não tinha cadeado que ele não abrisse... diz que ele tinha um negócio que abria os cadeado tudo e fechava, mas que só pegava os troço de comê... (Contador 2).



Percebemos que o narrador retoma outros narradores da narrativa oral para dar credibilidade ao que expõem. Situa Rastilho na trama como um exemplo de sujeito marginalizado, oriundo de família em situação vulnerável, pois, analisando a cronologia da sua existência, podemos afirmar que, possivelmente, teve seus antepassados escravizados.

Pelo discurso da história e da antropologia, especialmente dos estudos de Florestan Fernandes, sabemos que nessa faixa de tempo em que Rastilho viveu, existiam inúmeros sujeitos descendentes de escravos alforriados que viviam errantes, em situação de marginalizados, pois não conseguiam se incluir e participar do novo modelo de sociedade. Destacamos especialmente aqueles que, até então, viviam e desempenhavam trabalhos braçais no campo. Diversos fatores dificultaram a adequação desses sujeitos nesse período pós-abolição. Fernandes explica que:

Os que saíram do eito, em contraste, sofreram terrivelmente com a Abolição e a fixação na cidade. Não sabiam fazer nada. Só trabalhavam na roça. Eram chamados os *negros* de lavoura. Não sabiam ler e escrever, e em regra não possuíam protetores. Eles sofreram muito, pois ficaram largados a si próprios. (2008, p. 94).

Os argumentos expostos permitem supor que os pais de Rastilho podem ter vivenciado a escravidão e, talvez como ex-escravos alforriados, podem ter perdido a sua função social. Rastilho pode ser considerado um reflexo dessa sociedade que levou ele e muitos outros a viverem uma vida de privações. Aproximando essa leitura dos dados apresentados pelo informante, percebemos que esse sujeito conhece a vida dura das pessoas que vivem no campo, com poucas condições financeiras para sobreviver e se alimentar. Em sua maioria, são pessoas de pouca instrução, restando-lhes apenas o trabalho braçal, temporário e mal remunerado. Talvez essas sejam as razões, por parte do contador 2, para a aproximação e aceitação do dom de Rastilho, como também para a manutenção da fé nesse personagem.

O narrador não condena as atitudes, sempre evidencia que Rastilho furtava para se alimentar, conduz a narrativa cuidadosamente para não acusá-lo. Para isso, traz o dado que positiva a atuação desse sujeito, o dom que ele possuía, esse fato pressupõe que ele poderia receber instruções de ordem divina, as quais não teria escolha de realizar ou não.

O contador, a partir de seu relato, mostra o lugar que ocupa, o de quem conhece e experiência a vida no campo, fato esse que faz com que ele se identifique e solidarize com a história de vida de Ramão Machado. Busca sempre amenizar as atitudes, para isso seleciona argumentos que defendam a atuação desse sujeito: “Diz que ele nunca arrombô fazenda nenhuma. Só abria, diz que abria os cadeado, fechadura... o que tivesse ele abria, tirava o que

comê e ia embora não fazia mal pra ninguém, né?” (Contador 2). Analisando o fragmento, percebemos que o narrador omite a expressão cadeado. A elipse ocorre em outras construções desse narrador, especialmente naquelas em que apareceriam os objetos que Rastilho possuía o dom de abrir, cadeados e fechaduras.

O contador dá ênfase para o dom de Rastilho, confere a ele traços de milagreiro, menciona os furtos, mas justifica dizendo que ele não fazia mal para ninguém. Sugere a amplitude dos poderes de “abrir”. De forma gradual, menciona, primeiramente, a abertura dos cadeados e fechaduras; depois, abertura da tampa do açude, que, em sua forma de expressão, refere-se como “arrombamento”; por fim, as grades do trator no qual o narrador trabalhava, como mencionaremos a seguir. O narrador traz os fatos mas não dá muitos detalhes. Visando manter a atenção e a interação com o ouvinte, utiliza a expressão “né” com o objetivo de que o ouvinte concorde com ele e a narrativa prossiga.

Num segundo momento, reorganiza suas memórias e dá continuidade à narração, e sem ter intenção utiliza a técnica de inserir narrativas dentro de outra narrativa denominada *mise en abyme*<sup>11</sup>. Após alguns minutos em silêncio, busca indícios em suas histórias de vida e retoma o seu narrar, para comprovar a veracidade do dom de Rastilho, detalha uma situação que passou durante uma noite de trabalho nas terras nas quais se localiza o túmulo:

É só uma história que eu vou te contá... que aconteceu comigo... eu trabalhava num Müller<sup>12</sup> desses que tem oito roda grande e aí ele tinha uma grade na frente e era fechado com um... e eu abri uma enelga<sup>13</sup> na frente do túmulo dele onze e meia, meia noite. Trabalhava de noite. Chego ali bem onde fazia a volta, aquela grade se abriu e para eu não pará na frente do túmulo, agarrei, fiz a volta e parei mais adiante... Fui fechá ela, não consegui. Tive que metê a chave e abri, fechá e voltei de novo. Digo, vou volta, fiz a volta de novo quando chego bem na frente do túmulo dele... a fechadura se abriu! Duas vez que se abriu foi lá, depois nunca mais se abriu, é tem... diz que enquanto não mudaram o túmulo dele, todos os ano tapavo e arrombava [o açude]... (Contador 2)

Com o exposto, o narrador parece esforçar-se para comprovar que mesmo após a morte, Rastilho ainda possui o dom de abrir objetos ou intervir em espaços. Em sua fala, o informante descreve situações de forma ficcionalizada, criando um ar de mistério para as

<sup>11</sup> Segundo o E- Dicionário Carlos Ceia é um termo utilizado por André Gide para redefinir a reduplicação de narrativas um fenómeno de encaixe na sintaxe narrativa, ou seja, de inscrição de uma micro-narrativa noutra englobante. Outro aspecto destacado por Ceia, a *mise en abyme* denuncia uma dimensão reflexiva do discurso, uma consciência estética activa ponderando a ficção, em geral, ou um aspecto dela, em particular, e evidenciando-a através de uma redundância textual que reforça a coerência e, com ela, a previsibilidade ficcional. Disponível em: <http://edtl.fsh.unl.pt/encyclopedia/mise-en-abyme/> Acesso em 11 nov. 2018.

<sup>12</sup> Modelo do trator no qual o contador trabalhava.

<sup>13</sup> Denominação dada a aparência da terra após ser lavrada.

proximidades da sepultura, como um lugar passível de receber intervenções de Rastilho. Esse local, para o narrador, é um lugar que merece respeito, pois outras situações podem acontecer naquele espaço. A medida que a sua “história dentro da história” avança, o narrador retoma a ideia de que Rastilho possuía o dom, mas dá a entender que este era mais amplo do que se pode imaginar, conforme já afirmamos. Ele abria não somente cadeados e fechaduras, mas também açudes e grades, interferindo na esfera do material, mas também na natureza. O contador dá a sua narrativa um tom de história sobrenatural, pois em vários momentos se vale do uso de elementos e confere a eles sentidos mágicos (cadeados, fechaduras, funil, açude e proximidades do túmulo) para criar uma atmosfera de mistério.

Na narrativa desse informante podemos observar uma das características conferidas aos narradores orais: autoridade e autoria, questão compreendida a partir de Fernandes e Leite que explicam: “a autoridade revela-se pela repercussão que esta narrativa possa ter no seu ouvinte... não basta narrar, é necessário que o público acredite naquilo que se narra; é daí que decorre a autoridade” (2003, p. 56). Portanto, notamos que o informante imprime autoria ao participar como personagem da narrativa e sua autoridade pode ser observada ao cumprir o objetivo de passar credibilidade aos seus ouvintes com sua versão.

Outro dado relevante em relação aos milagres de Rastilho é trazido pelo Contador 2, quando este menciona que presenciou o pagamento de uma promessa:

Uma vez que tava eu e chegô um carro... eu não vi a placa, mas chegô três carro. Um diz que era de Brasília, diz que o cara saiu lá da porteira e o cara se foi de joelho até lá... diz que ele chegô lá, largô umas garrafa de canha no funilzinho ali e largô as bengala dele. Diz que o cara era paralítico, assim dizem, nós vimo, mas vai sabe... Mas alguma coisa milagrosa é, o cara não ia fazê isso de gra...(Contador 2)

O narrador diz estar presente, dá detalhes sobre o ocorrido, porém hesita em afirmar. Suas contradições conferem comicidade ao narrado: o número de carros que aumenta de maneira hiperbólica, a origem distante dos carros, fato que confere importância a Rastilho; mas o clímax da sua fala toma forma na presença do paralítico que se cura rapidamente após pagar a promessa frente ao túmulo, e conforme o trecho transcrito reproduz, abandona sua muletas. Além disso, o informante revela o ritual praticado por aqueles que pagam promessas a Rastilho, despejar cachaça pelo funil instalado em seu túmulo, supostamente o líquido cairia diretamente sobre os ossos (Figura 2):



Figura 2: Túmulo de Ramão Machado  
Acervo do Projeto Oralidade e Fronteira

No desfecho do relato, o narrador faz a seguinte afirmativa: “Quem gosta dele conta uma versão”. Percebemos, então, que o contador justifica e valida a sua versão e que a familiaridade que tem com a narrativa e com o seu espaço podem tê-lo induzido a ficcionalizar alguns fatos a fim de que a história tenha novos artificios e desperte curiosidade nos ouvintes., prendendo assim a suas atenções.

Coincidência ou não, em um caderno do jornal *Zero Hora* (1986) com o título “Os santos populares” encontramos uma matéria que preenche algumas lacunas e abre outras possibilidades de leitura na narrativa de Ramão Machado, com o título de “Rastilho e Degolada, fé no campo e na vila”. O entrevistado, Seu Nestor, relata que conheceu Ramão Machado na juventude e que jogavam bola juntos, afirma que “Rastilho apesar de ser uma pessoa esquentada, era bom” (1986, s.p.), analisando as falas de seu Nestor fica evidente que ele era bem próximo a Rastilho, pois é capaz de estabelecer algumas comparações cômicas sobre o gosto e as origens de seu amigo: “Dava um dedo por uma mulher bonita” e “uma mão inteira por uma garrafa de canha” (1986,s. p. ), e complementa que “Ninguém, que sabe sua história, tem lembrança que ele tenha deixado parentes. Na verdade, só deixou confusões, e das grandes.” (1986, s.p.).

Além disso, menciona a localização do túmulo e os elementos que compõem a paisagem, como a figueira e o açude, elementos mencionados pelo Contador 2, nos quais Rastilho é capaz de interferir. Na matéria do jornal, o informante conta que o túmulo era bastante frequentado, pois correu de boca em boca sua fama de detentor de poderes mágicos,

essa repercussão rendeu fama e visitas ilustres como a do ex-presidente João Figueiredo, que em outro momento enviou uma caixa de Cachaça diretamente de Brasília: “Depois nós recebemos de Brasília uma caixa de cachaça para o Rastilho”. Na reportagem, outro informante, supõem, que Figueiredo tenha feito pedidos e, como é de praxe, pagou a promessa.

Seu Nestor ganha destaque na reportagem, por ter sido um dos maiores amigos de Rastilho. Além disso, pela sua devoção, pois Rastilho já o curou de dores de cabeça, e outras doenças de maior gravidade em troca de garrafas de cachaça, é claro. O informante afirma que pede favores, pois “ele não faz milagre porque não é santo de igreja”. Apesar de afirmar que Rastilho não é santo, revela o ritual que faz ao pedir algum favor, começa rezando uma oração e depois tem “uma conversa de amigo para amigo”.

O informante menciona que alguns jornalistas tentaram insinuar que Rastilho seria um novo Negrinho do Pastoreio, mas isso não confirma, segundo ele, pois sua fama é bem menor, circulava somente em Jaguarão e avançava para algumas regiões próximas como Bagé. Seu Nestor conclui seu relato explicando que Rastilho é considerado um santo pelos seus devotos porque segundo ele “foi um de nós”, mas faz uma distinção para sua definição de santo como vemos no fragmento a seguir:

Mas a palavra santo usada, pelos seus simpatizantes, não tem o mesmo significado que o oficial, que designa aqueles que, para a igreja Católica, ascenderam moralmente, chegando ao céu. Aqui, significa uma pessoa que morreu e que sei lá, porque cargas d’água, tem certa influência junto a Deus para facilitar os pedidos dos amigos e de seus crentes (1986).

Na seção seguinte, analisamos o relato da contadora 3, que em seu narrar apresenta dados que sustentam a versão de Rastilho milagreiro, apresentado pelo Contador 2.

### **2.3 “É fatal a promessa pro home, sabia?...”**

Outra informante, nascida na zona rural, relata que conheceu a história de Rastilho na sua infância, e que acredita que seu pai possivelmente conviveu com ele. A Contadora 3 teve conhecimento sobre Rastilho ouvindo histórias que seu pai contava: “Acho que papai conheceu ele... Quando papai sentava na beira do fogo a bebê canha falava do Rastilho.” Segundo essa informação, percebemos que o relato do pai da informante sobre Ramão Machado poderia ser influenciado pelo efeito do álcool, que disparava sua memória ou até mesmo pela manutenção da história de Rastilho em que cada contador recria- a à sua maneira.

Por ter uma relação de familiaridade com Rastilho, a narradora afirma com convicção que:

Ele era um cara assim, que não mexia com ninguém, andava de estrada, estrada, tipo andarinho... Ele era uma pessoa boa, não era ladrão, não era nada... Esse Rastilho era andarinho, ele era tipo andarinho, ele não era mendigo! Ele não tinha família nem onde morá, andava, andava... (Contadora 3)

No trecho, a narradora dá ênfase para a boa conduta desse sujeito, que por não possuir casa, se deslocava livremente pela região da Segunda Zona. Isso é evidenciado em sua fala pela repetição do verbo andar. Sua casa eram as estradas, não se fixava em um lugar específico, e nem são relatados dados que ele mendigava alimentos ou dinheiro. Por isso, não poderia ser considerado um mendigo, nesse relato ela denuncia como são caracterizadas as pessoas que não possuem família nem origens conhecidas, elas não são percebidas pela sociedade, ficam a margem e acabam se tornando “nada”.

A narradora acredita firmemente que Ramão Machado era um andarinho, em sua narrativa utiliza os elementos de repetição que evidenciam a ação de caminhar, “andava, andava” e em outro instante afirma que “ele era andarinho, andava ia... ia...ia...” (Contadora 3), devido a informante conhecer o espaço no qual Rastilho circulou, utiliza esses elementos para ampliar e enaltecer essa peregrinação que pode ter acontecido durante toda vida desse sujeito.

Nessa rememoração dos fatos, a Contadora relaciona o apelido de Rastilho conferido a Ramão Machado devido ao desfecho trágico de sua captura, que teve como conclusão sua morte:

Como ele foi arrastado, por esse home do cavalo, matô ele arrastado. Arrastaram ele... arrastaram ele até mata! Por isso aí botaram o nome dele de Rastilho. Porque morreu arrastado! Ele era um andarinho bom... não robava nada, só pedia. Pegaram ele e prenderam na chinha do cavalo. Ele era andarinho bêbado. (Contadora 3)

No fragmento anterior, é visível a indignação da narradora sobre a forma como mataram Rastilho, repete várias vezes o verbo arrastar para evidenciar a crueldade de como foi morto e afirmar que ele recebeu o apelido devido a essa situação, não por cometer pequenos furtos, informação recorrente em outras versões dessa narrativas oral. Na visão da narradora o fato de Rastilho possuir vícios não era um defeito, mas essa condição de certa

forma tornava-o um sujeito vulnerável, sem capacidade de defesa. Em seguida dá mais alguns detalhes sobre o ocorrido e ressalta quão desprotegido estava esse sujeito: “ele não era ladrão, era bêbado, andarinho bêbado, botaram ele assim que nem arrastam um pau, morreu e botaram lá, porque ele morreu arrastado, por isso botaram o nome de Rastilho” (Contadora 3). Durante essa parte do relato manifestou seu desespero e indignação revelados pelas suas expressões faciais e pela alteração no seu tom de voz.

Quando perguntada sobre os possíveis culpados pela morte de Rastilho, a narradora relata: “Eu não duvido que a polícia não tivesse matado, porque naquela época a polícia não é como agora, podia sê a polícia, né, que arrastasse ele e matasse, eu sei que ele andava bêbado, mataram ele e tava bêbado”. (Contadora 3). Com essa reflexão da informante, percebemos que as leis que regulamentavam a ação desses supostos policiais eram outras, de fato não há nada que comprove quem praticou o ato.

A narrativa da Contadora 3 pode ser dividida em duas partes: na primeira, ela faz uma apresentação sobre Rastilho ainda em vida e contextualiza o espaço onde ele circulou até sua morte; já na segunda parte, retoma o relato aconselhando os ouvintes a respeito do pagamento de promessas que deve ser cumprido, afirma com certeza que é dever pagar a promessa, “é fatal a promessa pro home, sabia?, Capaiz... Eu fiz promessa pra ele, é fatal, tu tem que pagá, tem que pagá, essa guria feiz , e aí...” (Contadora 3). A informante confere à narrativa um ar de suspense, ficcionaliza e deixa transparecer que pode acontecer algo com quem não pagar a promessa quando tiver seu pedido atendido por Rastilho.

Além disso, seu relato, em grande parte é proferido no tempo pretérito imperfeito, comprovando que a vida/história de Rastilho teve uma sucessão de fatos que podem ou não terem sido concluídos, mas que não podem mais serem revividos, a não ser pela memória de quem transmite a narrativa. Sobre memória, Paul Zumthor afirma que ela possui dupla função: coletivamente fonte de saber; [e] para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la”(1993, p.139). Exercitando sua memória e enriquecendo a narrativa de Ramão Machado, a Contadora exemplifica uma situação em que foi convidada para acompanhar uma moça durante o pagamento de uma promessa, pois a referida mulher não sabia onde estava situado o túmulo de Rastilho:

Ah, tenho que i, porque eu tenho que pagá as canha do Rastilho, levo quatro garrafa pro Rastilho!

E disse :

- Só que eu não sei onde é, diz que é lá perto do açude do Maracanã.

- Num é nada guria...

Aí, ela não sabia onde era e me levô. Fui levá ela e os toro correrum nois (Contadora 3).

A informante não deixa claro se a promessa foi paga ou não, mas traz um dado recorrente que é o pagamento dos pedidos com cachaça despejada funil presente no túmulo. Além disso, mostra uma das características do narradores orais mencionada por Benjamin “o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (2010, p. 200). Ademais, a narradora ficcionaliza de forma que parece que a oferta de cachaça é algo que está predeterminado caso o pedido seja realizado.

Percebemos que existe uma forte ligação entre a narradora e Rastilho, isso pode ser explicado devido às semelhantes privações econômicas que passaram na vida e na localidade Segunda Zona, como anteriormente mencionado o pai da narradora possivelmente conheceu Rastilho nas terras onde trabalhava, e esse dado é confirmado pela informante em outro momento:

Miraboa, que velho bem bom, fazia churrasco...  
 - Nois ia pedi dinheiro e nós quarava na frente daquela casa, na porta... recebia mesmo, de prontidão.  
 Dizia:  
 - “vai amanhã, chega lá, minha filha pra pegá dinheiro do velho”.  
 Papai trabalhava com ele... (Contadora 3)

Com o relatado, pode se deprender que a narradora teve uma vida semelhante à de Rastilho, infância com dificuldades financeiras que culminavam na falta de alimentos, era necessário pedir para aqueles que possuíam mais, alguém que fosse caridoso era visto com bons olhos. No entanto, a informante menciona esse senhor, mas não lhe torna o personagem principal da sua versão da história.

Para concluir sua narrativa retoma o conselho a respeito do pagamento das promessas e mostra a credibilidade que Ramão Machado adquiriu na região após realizar o milagre de fazer chover, porém percebemos pelo vocabulário utilizado que seus poderes não estão limitados apenas em fazer chover, acreditamos que a narradora já supunha que os ouvintes poderiam vir a esquecer o pagamento da promessa e, então, afirma:

Ah, e a promessa quando feita tem que pagá! Se fez promessa pra chuva, pra que for, tem que pagá! Tem que ir lá paga! Os granjeiros de lá, todo mundo faz promessa pra chuvê quando *hay* seca. Não sei quem é que disse uma vez: *Hay* uma seca bárbara! tá tudo morrendo! Ué, pede ao Rastilho pra chovê! eu disse... (Contadora 3)



Além dos conselhos a respeito dos passos que devem serem seguidos para efetivar o pagamento das promessas, a informante mostra o quanto conhece esse sujeito, acredita e confia nos poderes dele, fato que faz com que ela o indique para solucionar situações em diversas áreas.

A partir da análise dos fragmentos das narrativas orais que compõem esse trabalho, notamos a preocupação dos informantes com a verossimilhança desses relatos e o cuidado que têm em narrar “verdades”. Cândido explica que o termo “verdade” quando usado com referência a obras de arte ou ficção, tem significado diverso (2007, p.18). Sendo assim, nesses relatos não buscamos contrastar os fatos a fim de buscar verdades, nos preocupamos em observar a coerência interna que essas narrativas possuem, ainda que os narradores retomem partes que consideram relevantes, essas retomadas seguem uma ordem, a sequência dos fatos nos remetem a várias situações, que podem ou não ter acontecido, cada fato reconstruído pela memória e criatividade de cada contador é autêntico, uma vez que recebe uma carga de sua subjetividade.

As diversas versões da narrativa oral de Ramão Machado podem ser explicadas devido às necessidades e objetivos de cada narrador. Segundo Fernandes “a função do relato decorre dos preceitos sociais, postulados por regras/ instruções que devem ser seguidas por todos daquela comunidade narrativa.” (2002, p.39). Assim, cada versão desta narrativa oral solicita que seus ouvintes realizem uma espécie de preenchimento que seja capaz de deixar a narrativa verossímil. São apresentadas diversas situações por cada narrador e, nesse entrelace, vão se interpondo memórias e surgindo novas versões. Gallois apud Fernandes afirma que “é na forma dialogada e na retransmissão que o argumento se constrói e toma sentido... as imagens reiteradas por uns são ouvidas e realinhadas por outros”. (1994, p. 24).

Na seção seguinte, tratamos das produções que surgiram de maneira escrita, após a repercussão das narrativas que circulam de boca em boca sobre Ramão Machado, nelas ele é tratado como Negro Rastilho ou Rastilho.

## **2.4 Rastilho na literatura escrita**

Devido a repercussão da narrativa oral de Ramão Machado, que ultrapassa o espaço da Segunda Zona e chega até o núcleo urbano da cidade de Jaguarão, as histórias de Rastilho ganharam forma como canções e contos. Cabe ressaltar que é possível observar que essas versões, ainda que escritas, conservam marcas representativas da oralidade e cada uma delas traz um tom característico. A canção “Sobre um tal Negro Rastilho” de autoria do compositor,

poeta e contista jaguareense Martim César, se compõem por um diálogo entre duas vozes poéticas distintas. Uma se assemelha a dos narradores orais e a outra é a ficcionalização da voz de Ramão Machado.

Novamente, a voz poética que se enuncia no começo da canção está marcada pelo “Dizem...”, expressão presente nas narrativas orais, usada como artifício de comprovar que a história já é conhecida por outras pessoas, bem como atribuir a narradores a autoria dos fatos. Ainda na primeira estrofe, apresenta elementos que objetivam firmar a ideia de que Rastilho é um sujeito que carrega um dom, essa posição vai ao encontro do que o Contador 2 e a Contadora 3 acreditam no que se refere à ressignificação de Rastilho após sua morte, devido a sua vida de sofrimento e privações. Na letra da canção, vemos que Rastilho “venceu a sua própria morte”, também, percebemos a justificativa dada à permanência da narrativa na atualidade, para isso o autor supervaloriza o dom de Rastilho, o seu caráter, e dá voz a ele na letra da canção.

Na segunda estrofe, a voz poética aborda a questão da devoção nos dons e milagres de Rastilho, confirmando que ele é procurado em situações de desespero, remetendo ao que a contadora 3 apresenta sobre a amplitude dos milagres que Rastilho é capaz de realizar. Outro dado mencionado na música se refere ao pagamento das promessas na sepultura. Ademais, percebemos que a expressão “exceto” provoca a quebra das ideias defendidas anteriormente e fortalece as hipóteses levantadas pela Contadora 1, que acredita que Rastilho possuía vícios de cigarro e bebida. Sendo assim, segundo a voz poética, Rastilho não seria capaz de curar as pessoas desses males:

E quem fizer um pedido  
Aos pés da sua sepultura  
Encontrará sempre a cura  
Para o pior malefício...  
Exceto em ‘causo’ de vício  
De pito ou de canha pura. (GONÇALVES, 2012)

Na canção, a voz de Rastilho é ficcionalizada e comprova o imaginário que se mantém sobre ele, como um indivíduo de personalidade forte, com caráter transgressor por não respeitar limites e normas, visto que cruza campos, entra em propriedades, abre os cadeados que protegem esses espaços, dado também informado pela Contadora 1. Pontuamos, que essa voz carrega uma expressiva carga ficcional ao se enunciar em primeira pessoa, seria como se Rastilho usasse sua voz para validar os estereótipos criados sobre ele, de certa forma acaba depreciando sua figura e deixando indícios que ele poderia cometer crimes se necessário fosse:

E eu não nasci pra bom moço  
 Pra mim só deram caroço  
 Jamais a fruta, dotô!  
 Não nego que fui maleva...  
 É que o Rastilho não leva  
 Um desaforo pra casa!  
 Há gente demais no mundo  
 E apagá algum lá no fundo  
 Não muda o conjunto em nada! (GONÇALVES, 2012)

Na quarta e quinta estrofe, a voz poética assemelha Rastilho aos personagens das lendas urbanas, tais como o bicho papão e o velho do saco, que estão presentes no imaginário infantil, e são utilizados para amedrontar as crianças. Nessas estrofes, os versos ganham sentido de ameaça:

Vai já pra casa meu filho!  
 Entra pra dentro guri!  
 Que aí anda o Negro Rastilho...  
 O pior matreiro daqui!

Pára de choro, meu filho!  
 E caminha já te esconder  
 Que o tal de Negro Rastilho  
 Vive a matar ou morrer! (GONÇALVES, 2012)

Na última estrofe da canção, a voz poética que representa Rastilho faz um apelo, semelhante a alguém em situação de mendicância, para que sejam realizados pedidos e esses pagos “com canha”. A construção do discurso faz com que de fato pareça que Rastilho está interagindo. Analisando as expressões “dotô”, utilizada na estrofe anterior e “doutô”, utilizada na estrofe seguinte, podemos depreender que Rastilho se coloca em uma posição inferior em relação à outra voz poética da canção, um doutor, alguém de quem se infere deter saberes ou ser superior:

Deixe uma canha, doutô  
 Ao pé do Nego Rastilho  
 Que eu lhe atendo o pedido  
 Seja o milagre que for. (GONÇALVES, 2012)

Em outra narrativa sobre Rastilho, este ganha protagonismo e traços de um herói. Elaine Fontoura, a autora, vale-se de narrativas orais para compor seu conto, apesar de ser intitulado como “A morte de Rastilho”, ela, através de uma atenta seleção de palavras, levamos a conhecer a trajetória desse jovem de família honesta e trabalhadora, que aprendeu os afazeres do campo, e que, em um certo dia, teve a infelicidade de arrumar uma briga e tirar a vida de um homem em um bolicho, por isso acabou sendo perseguido.

No conto “A morte de Rastilho”, percebemos no começo do enredo, uma relação de empatia entre o narrador onisciente e a história narrada, a autora tece uma trama que em diversos momentos assemelha Rastilho ao Negrinho do Pastoreio, principalmente pela questão do sofrimento físico que tornou esses sujeitos milagreiros.

A autora inicia seu conto fazendo uma descrição breve da origem familiar de Rastilho e aponta algumas características positivas, ressaltando valores sociais de pessoas de bem. Desse modo, o narrador presente no conto de Fontoura se aproxima dos narradores orais por não fazer uma descrição psicológica exaustiva do personagem, situação que faz com que o leitor avalie e forme a sua opinião.

A complicação do conto ocorre quando Rastilho começa a ser perseguido por seus pequenos furtos e pela briga no bolicho, [...] espalhou-se no meio rural que a polícia procurava um negro ladrão e assassino, pessoa extremamente perigosa[...] (FONTOURA, 2015, p.13; [...] “a única alternativa é liquidar este fora da lei”. (FONTOURA, 2015, p.15). A pesquisadora Edil Costa afirma que “é sempre enfatizado o aspecto moralista e conservador da literatura popular. O racismo não é só um traço complementar, mas estruturante desse conservadorismo.” (2015 p.85) Nessa situação a oralidade tratou de culpar e condenar Rastilho, o discurso popular associa a raça do personagem àquilo que é ruim, à maldade.

No desfecho do conto, Rastilho segue sendo mencionado pejorativamente, pelas denominações ladrão e infeliz. Após ter sido morto em uma cova, somente ganhou sepultura digna, porque um rico estancieiro ao ver sua plantação morrendo pela seca disse: “Se este infeliz fizesse milagres como o Negrinho do Pastoreio, e derramasse, sobre minhas terras, abundante chuva, eu até lhe daria uma sepultura digna e umas garrafas de cachaça.” (FONTOURA, 2015, p. 15). Rastilho realizou o pedido do estancieiro ganhando sepultura digna na qual sempre se encontra velas e cachaça. Pois como também alerta, em outras palavras a contadora 3: [...] Promessa é dívida e dívida se paga. (FONTOURA, 2015, p. 15).

Ao analisarmos as produções escritas que se valeram da oralidade percebemos que apesar de apresentarem marcas e informações semelhantes, se distanciam principalmente pela maneira de estabelecer as apreciações. Os narradores rurais, cujas vozes são expressas nesta pesquisa, buscam ressaltar as situações que positivam o caráter de Rastilho, em suas falas deixam transparecer que já experienciaram situações de vida semelhantes às do personagem. Acreditamos que por não terem tanto acesso a escrita, e por adquirirem seus conhecimentos nas práticas do dia-a-dia, esses sujeitos tendem a acreditar com maior facilidade nos saberes que lhes são transmitidos oralmente e demonstram um grande respeito pelas situações que fogem do habitual. Por não terem acesso a todos os acontecimentos da narrativa de Rastilho,

quando lhes são questionadas algumas condutas ou momentos, criam explicações fundadas no seu imaginário, naquilo que lhes parece mais próximo do que poderia ter acontecido. De certa forma, ainda que inconscientemente, tentam endear Rastilho, que em seus relatos transcende, e traz a confortável sensação de ver o desfecho justo ao indivíduo cujas origens tem tantos pontos de contato com as deles próprios.

Diferente dos narradores rurais, os urbanos, apresentam uma forma diferente de ficcionalizar esse personagem, para isso retomam e ressaltam aquilo que é estigmatizante, que deprecia para compor a identidade de Rastilho. Nas versões urbanas percebemos que há contraste daquilo que é considerado culto, portanto legitimado com o que pertence ao popular. Podemos observar isso, na canção, temos uma voz poética que é letrada, e a ficcionalização da voz de Rastilho que marca a submissão e o seu desespero para que alguém lhe faça pedidos. Essa submissão de certa forma contraria o caráter rebelde deste sujeito, principalmente pelos traços de “selvagem” que lhe são conferidos, além disso, deixam transparecer a descrença, pois relativizam ou conferem tom irônico quando abordam os possíveis milagres desse sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, nos valem das narrativas orais como *corpus* devido a uma constatação que desde o início da pesquisa sobre a literatura oral se confirmou: elas são pouco exploradas no curso de Letras. Unindo-se a isso, também percebemos como há poucos eventos acadêmicos dedicados a essa matéria de estudo e como a universidade proporciona poucas formas de contato com esses saberes que estão no cotidiano, não nos livros e salas de aula.

Conhecendo a cidade de Jaguarão e, principalmente, percebendo a abundância de histórias aqui difundidas, reconhecemos que essas narrativas fazem parte do imaginário dos sujeitos da fronteira e de alguma forma revelam suas práticas sociais, costumes e crenças.

No desenvolvimento de nosso trabalho procuramos identificar como se produzem as diferentes versões das narrativas orais que circulam sobre Ramão Machado, o seu caráter literário, os elementos que os contadores utilizam para (re)produzirem suas versões, os diálogos que realizam com outras histórias, os intertextos, seu envolvimento com o que contam e as interferências que os fatores socioculturais produzem em suas falas.

Para isso, no primeiro capítulo, apresentamos os conceitos necessários para construção da leitura que fizemos das narrativas orais. Mencionamos o conceito de literatura oral, visando ressaltar a importância que o material produzido de forma vocalizada possui para nós pesquisadores e para os sujeitos que se comunicam e se organizam socialmente a partir dele. Explicamos como a memória coletiva e a individual dos contadores em diálogo com suas vivências são capazes de classificá-los e identificá-los em meio a outros contadores. A todo tempo, ressaltamos o nosso objetivo de pesquisa que consistiu em compreender o processo de ficcionalização de Ramão Machado em Rastilho, o personagem popular tão presente no imaginário jaguarense.

No segundo capítulo, tratamos das diferentes versões das narrativas coletadas, dividimos o capítulo em quatro seções para apresentar o perfil dos contadores, situando eles segundo sua origem, visando classificá-los quanto ao seu tipo e explicitar a relação que estabelecem com a narrativa. Assim analisamos a versão de cada um, apontando os dados em comum e as recriações. Na seção 2.1 - Uma voz urbana a narrar Rastilho, observamos a construção de uma versão da narrativa na qual predomina a postura crítica da narradora que apresenta um relato reforçado pelos estereótipos e pelos juízos de valor, que infere daquilo que leu e ouviu falar sobre Ramão Machado. Na seção 2.2 Os narradores rurais - crenças e afetos, percebemos a visão respeitosa dos sujeitos do campo no que se refere a crenças e

milagres, a presença de um variado repertório herdado da literatura escrita: figuras de linguagem, presença do narrador como personagem da história, a plasticidade do relato que mesclava comicità com seriedade e conseguia situar o ouvinte dentro do espaço onde ocorre a narrativa, elementos esses utilizados abundantemente para compor uma versão que buscava comprovar e confirmar o caráter milagreiro de Rastilho.

Na seção 2.3 - “ É fatal a promessa pro home, sabia?”, deparamo-nos com um relato de uma contadora que possuiu experiências de vida semelhantes às de Rastilho e, por isso, se valeu da repetição de palavras de efeito para defender esse sujeito, para esclarecer a “realidade” dos fatos e com sua performance revelou a postura e a devoção que possuía. Por fim, na seção 2.4 - Rastilho na literatura escrita, analisamos as produções literárias, que se utilizaram, em sua estrutura, marcas da oralidade, porém, que transpareciam juízos e situações ou falas que reforçavam os estereótipos que marcavam divisões entre a cultura letrada e a cultura popular.

Com as informações anteriormente apresentadas podemos depreender as diferenças e semelhanças entre os narradores urbanos e rurais que ficcionalizavam Ramão Machado em Rastilho. Cada qual recebeu a narrativa de uma fonte, e a partir de seus objetivos, percepções e valores, fizeram um recorte inconsciente da narrativa e uniram a ela elementos presentes em sua memória, ficcionalizaram as situações que ouviram e como consequência deram forma a uma nova versão. Por essa razão, compreendemos que cada relato mostrava-se capaz de situar o seu contador e mostrar o grau de envolvimento e conhecimento sobre o personagem Rastilho.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. \_\_\_\_ **Magia e técnica, arte e política**. Vol.1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CANDIDO, Antônio [et.al.] **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011, 12ª edição.
- COSTA, Edil Santos. **Ensaio sobre a malandragem e preguiça**. Curitiba: Appris, 2015.
- FERNANDES, Guilherme dos Santos; SANTOS, Jorge Almeida. Para uma análise morfológica de narrativas. In. **Cartografias da voz: poesia oral e sonora: tradição e vanguarda**- São Paulo: Letra e Voz. 2011, p.23-43.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca**. 5. ed. São Paulo :Globo,2008.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: O ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. Frederico Augusto Garcia **Oralidade e literatura: Manifestações e abordagens no Brasil**. Londrina: Eduel, 2003.
- FONTOURA, Elaine. A morte de Rastilho. \_\_\_\_ In: **Além do cotidiano**, 2015 Porto Alegre: Evangraf, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- ZUMTHOR. **A letra e a voz: a literatura medieval**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.